

A violência e as suas representações no Twitter: o caso da #ChacinaEmBelem¹

Sergio do Espirito Santo Ferreira Junior*

Resumo

Neste artigo, são analisadas a produção e a difusão de representações da violência pelos usuários do Twitter, partindo de mensagens publicadas com a #ChacinaEmBelem. Considera-se que há uma multiplicidade de representações a respeito da violência urbana como fenômeno e ligações com outras representações midiáticas. A #ChacinaEmBelem é elemento constituinte das representações, em torno das quais as interações ocorrem e abrem espaço para a concorrência e tensionamentos entre as mensagens simbólicas sobre o evento. Há uma mobilização emocional caracterizada pelo esvaziamento das informações mais relevantes sobre a chacina e a violência e pela apropriação informal dos fatos, com opiniões se sobrepondo às informações.

Palavras-chave: *Violência. Representações. Twitter. #ChacinaEmBelem.*

¹ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada na Divisão Temática Multimídia, da Intercom Júnior na XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. (Cf. LOUREIRO; FERREIRA JUNIOR; COSTA, 2015)

Introdução

Aproximadamente às 19 horas do dia 4 de novembro de 2014, o cabo da Polícia Militar e ex-membro da Ronda Ostensiva Tática Metropolitana (Rotam), Antônio Marcos da Silva Figueiredo, era assassinado ao chegar à sua residência, no bairro do Guamá, em Belém, capital do Estado do Pará. Ainda na noite de sua morte, o sargento Rossicley Silva, membro da mesma Rotam e presidente da Associação dos Praças do Estado do Pará, postou em seu perfil no Facebook a seguinte mensagem: “Convocação geral! Amigos, o nosso irmãozinho PET (cabo Figueiredo) acabou de ser assassinado no Guamá. Estou indo. Espero contar com o máximo de amigos. Vamos dar a resposta” (FURTADO, 2014). Após a mensagem do sargento, na noite do dia 4 e na madrugada do dia 5, ocorreram nove assassinatos nos bairros periféricos da Terra Firme, Jurunas, Guamá, Marco, Tapanã e Conjunto Sideral. Além das nove pessoas que morreram no dia 5, outra vítima, que havia sido hospitalizada, morreu na manhã do dia 6 (PARÁ, 2015, p. 5-6).

Logo após a chacina, o sargento Rossicley se manifestou dizendo que as mortes aconteceram em razão do confronto de milícias e facções criminosas, que aproveitaram o clima tenso na cidade para acerto de contas. Em virtude dos boatos e do pânico ocasionados na capital, o sargento defendeu-se, ponderando que sua postagem no Facebook foi feita em um momento de tensão, quando ainda estava abalado com a morte do cabo Figueiredo. Portanto, a mensagem postada teria sido “mal interpretada pelos internautas”. De imediato a postagem foi apagada, mas considerando a instantaneidade e acesso dos usuários, vários portais de notícias reproduziram imagens da postagem (*prints*).

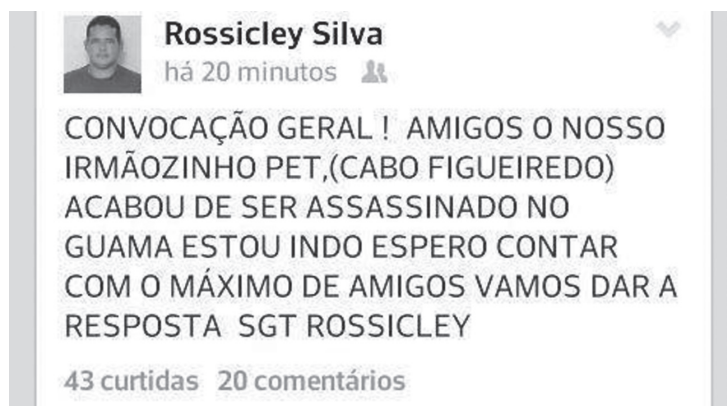


Figura 1 – PrintScreen do post do sargento Rossicley no Facebook.
Fonte: BELCHIOR, 2014.

A proporção e a gravidade dos acontecimentos, cujas consequências resultaram em dez mortes e a suspeita de ligação do policial morto a milícias, levaram a Assembleia Legislativa do Estado do Pará (Alepa) a criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar a ação de milícias e grupos de extermínio no Estado e na região metropolitana de Belém.

De acordo com o relatório resultante das investigações (PARÁ, 2015), o policial morto, cabo Figueiredo, não apenas estava envolvido com milícias, mas era mandante de uma milícia composta por mais três policias militares. Confirmada, também, a existência de cinco grupos de milícias que atuam no Estado do Pará, com um considerável contingente de policiais militares, sendo duas nos municípios de Marabá (Sudeste) e Igarapé-Miri (Baixo Tocantins) e três na região metropolitana de Belém (Distrito de Icoaraci e nos bairros do Guamá e Canudos). (PARÁ, 2015, p. 154-164)

Em abril de 2015, a Promotoria Militar do Estado do Pará indiciou 14 policiais militares por crime de homicídio no caso da chacina dos dias 4 e 5 de novembro de 2014. No relatório, há a confirmação de que os policiais indiciados foram coniventes com dez assassinatos ocorridos depois da morte do cabo Figueiredo (PINTO, 2015). De acordo com a denúncia, os policiais indiciados não prestaram socorro às vítimas e não perseguiram os verdadeiros culpados pela morte do cabo Figueiredo.

Paralela e concomitantemente à chacina dos dias 4 e 5 de novembro, outro fenômeno, de ordem midiática, delineou-se, com particular ocorrência, nas mídias sociais², como Facebook, Twitter e WhatsApp, em descompasso com as mídias tradicionais, que não dispunham de informações sobre a chacina. Nas mídias sociais na internet, circularam informações de toda ordem, vindo supostamente da polícia, dos moradores e dos “bandidos”. Ficção e realidade se misturaram nas postagens.

À circulação de mensagens, com suposta relação a grupos autores das mortes e relatos de moradores das áreas onde as execuções estavam ocorrendo, juntou-se uma série de boatos, na rede, sobre a possível ocorrência de mais mortes em outros bairros. As localidades sitiadas, em virtude das mortes, e as mensagens difundidas sobre a presença dos executores e de outras violências, ampliaram o pânico e o medo a outras regiões da capital.

2 Relativamente à utilização dos termos referentes a essas mídias sociais, levam-se em conta algumas diferenças identificadas por Recuero (2009) entre: as redes sociais na internet, definidas como as relações e as interações estabelecidas nesses ambientes; e os sites de redes sociais, que são os espaços virtuais, com interface, nos quais se estabelecem as redes sociais na internet. Os sites de redes sociais (SRS) são, assim, “sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator” (RECUERO, 2009, p. 102). Para os fins deste trabalho, no entanto, utilizam-se as expressões “mídias sociais” e “redes sociais digitais” com o mesmo significado, a saber, o dos sites de redes sociais.

Os fatos passaram a repercutir para além de sua ocorrência, provocando reações e posturas diversas dos indivíduos nas redes sociais digitais, numa fusão de realidade, indignação, brincadeiras, humor e ironias.

Objetiva-se com este artigo analisar as representações sobre a violência construídas pelos usuários do Twitter sobre a chacina em Belém, ocorrida na noite do dia 4 e na madrugada do dia 5 de novembro de 2014. Como metodologia, foi aplicada a extração de dados de redes sociais digitais, tendo como corpus de análise a *#ChacinaEmBelem*³.

Foram rastreadas as publicações realizadas no período de 10 horas, ou seja, das 22 horas ao meio-dia do dia 5 de novembro de 2014, computando um total de 593 *tweets* publicados. Desses foram selecionadas as 30 postagens com mais *retweets*, nas seguintes categorias de análise: opinião, humor, indignação, informação, ironia, meios (institucionais), medo e outros (sem uma definição clara ou várias juntas). Na análise, não se estabeleceu hierarquização das postagens, mas levou-se em consideração o conteúdo da manifestação.

TABELA 1
Identificação dos *tweets* por categoria

Categorias	Total de <i>retweets</i>
Opinião	449
Humor	191
Indignação	157
Informação	136
Ironia	103
Meios (institucionais)	27
Medo	21
Outros	23
Total:	1107

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Ruas cruzadas: terror nas mídias sociais e na cidade sitiada

Todas as áreas da sociedade têm sido afetadas com o impacto dos avanços tecnológicos. Transformações que têm reconfigurado a área da comunicação e da informação, seja pelas ambivalências da rede em

3 Cf. *#CHACINAEMBELEM* on Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/hashtag/chacina-embelem>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

uma sociedade global que nos oferecem igualmente esperanças e riscos (CEBRIÁN, 1999), seja pela compreensão dos meios de comunicação como ferramentas de compartilhamento de informação e conhecimento ou como extensões do homem por intermédio das mídias (MCLUHAN, 1977), seja, ainda, pela mídia, como expressão da nossa cultura, que passa a funcionar principalmente por meio dos materiais fornecidos e propiciados por essa mesma mídia. (CASTELLS, 2013)

Os estudos de McLuhan (2011a, 2011b) sobre os meios de comunicação permitem trazer à luz essa perspectiva, que consiste em transformações sociais muito mais profundas do que aquelas que os conteúdos transmitidos poderiam causar, além de provocar efeitos e possibilidades diferenciados pelas quantidades de informações que organizam. Para o autor canadense, estávamos nos aproximando da “simulação tecnológica da consciência, onde o processo criativo do conhecimento seria estendido coletiva e corporativamente ao todo da sociedade humana” (MCLUHAN, 2011b, p. 5).

Afirma o autor que a tecnologia do meio, não importa quão extraordinária seja, desaparece por detrás do que flui por meio dele – fatos, entretenimentos, instrução, conversa. O que importa é o conteúdo. “Os efeitos da tecnologia não ocorrem no nível das opiniões ou conceitos”, antes, os meios alteram “os padrões de percepção continuamente e sem qualquer resistência”, escreve McLuhan (2011b, p. 31)

Nessa perspectiva, foram analisados os acontecimentos conhecidos como “chacina em Belém”, ocorridos na capital paraense nos dias 4 à noite e 5 da madrugada de novembro de 2014, conforme descrito acima. Dois eventos, no entanto, delineiam-se: um nas ruas da capital paraense e outro, como consequência do primeiro, nas ruas virtuais.

Concomitantemente e após as mortes, uma avalanche de informações, confusas e sem precisão, começaram a ser difundidas nas mídias sociais, Facebook e Twitter, e em aplicativos móveis de mensagens instantâneas como o WhatsApp. Vários conteúdos como mensagens, fotos, áudios e vídeos eram compartilhados em tempo real, simultaneamente aos eventos, por meio dessas mídias. Realidade e ficção tomaram conta da rede e assustaram a população.

Os áudios postados apresentavam conteúdos diversos, desde supostos policiais militares recomendando à população que ficasse em casa, usuários relatando o terror que estava acontecendo nos bairros e supostos bandidos comemorando a morte do policial Figueiredo (ÁUDIOS..., 2014).

Na manhã do dia 5, como as informações oficiais eram escassas e sem pronunciamento oficial do Governo do Estado sobre as mortes, algumas instituições de ensino, dentre elas a Universidade Federal do Pará (UFPA), ficaram esvaziadas, pois, mesmo oficialmente não suspendendo suas atividades, considerável parte dos alunos da instituição não compareceu às aulas. Um dos colégios particulares, localizado em bairro nobre da cidade, Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré, suspendeu as aulas na tarde do dia 5, em razão de uma suposta ameaça recebida por telefone, em que crianças seriam baleadas.

O caos tomou conta da cidade. Informações desencontradas e até as mídias tradicionais, como jornais e emissoras de televisão e rádio, valeram-se dos fatos divulgados nas mídias sociais na internet para divulgar o acontecimento para a sociedade. Na manhã do dia 5, a *#ChacinaEmBelem* ficava entre os principais assuntos comentados no Twitter, fato relevante, uma vez que indica a ampliação da repercussão e o engajamento dos usuários em torno desse fato.

Mídia social além da interface

Algumas considerações sobre a especificidade da mídia social devem ser postas em análise. O Twitter é uma mídia social e uma ferramenta de microblog em que os internautas são representados por seus perfis, interagindo por meio de mensagens de 140 caracteres. As relações entre os usuários não têm necessariamente o caráter de reciprocidade e eles se denominam “seguidos” e “seguidores” (RECUERO; ZAGO, 2009). As informações são repassadas de seguidos a seguidores, em tempo real, fazendo com que possam atuar como influenciadores, “viralizando” na mídia social (CARDOZO, 2009). As atualizações dos outros contatos são exibidas em tempo real. Usuários podem receber atualizações de um perfil pelo site oficial ou por aplicativos de dispositivos móveis.

O Twitter foi selecionado porque ele é considerado uma das mídias sociais precursoras, que definiu o conceito, as novas possibilidades e a nova forma de irrigar o mundo com conteúdo, conforme o afirma Seixas (2009, p. 45).

Essa mídia social apresenta dados, características e estrutura particulares e com diferenças, se comparada a outras mídias sociais na internet. Na análise, alguns aspectos importantes devem ser considerados, entre eles: a) a *Bio*, identificação do perfil do usuário. A apresentação é livre; b) *Following*, perfis que o usuário segue; c) *Followers*, perfis que seguem o usuário; d) *Trending topics*, assuntos mais comentados no momento, filtrados como locais, nacionais ou globais (*#ChacinaEmBelem* e

#Guamá #Belém permaneceram por horas, no dia 5 de novembro de 2014, nos *Trend Topics* de Belém e do Brasil); e) *Direct message (DM)*, espaço em que o usuário pode mandar uma mensagem privada para outro usuário, contanto que o outro o siga de volta; f) *Reply*, ou seja, réplica ou resposta ao comentário postado por algum usuário; g) *Retweet*, ou republicação automática de uma postagem de outro usuário, sem adição de mais caracteres à publicação (em abril de 2015, o *Twitter* lançou um recurso novo, em que se pode republicar determinada postagem, assim como fazer um comentário); h) *RT*, modo em que o usuário reproduz alguma postagem manualmente, podendo inserir comentários ao original; i) *Hashtags (#)*, termo que serve para situar o seguidor sobre o que o usuário fez um *tweet*. *Hashtag* significa relacionar uma palavra ou frase com determinado conteúdo, para que posteriormente possa ser encontrado por outras pessoas.

Assim, compreendemos o *Twitter* como “uma verdadeira arena digital global: universidade, clube de entretenimento, ‘termômetro’ social e político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 66). Ainda assim, deve-se ter em mente que essas tecnologias inserem “uma transformação das formas tradicionais de sociabilização, além de uma nova tecnologia perceptiva e mental. Portanto, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com referências concretas”. (SODRÉ, 2010, p. 27)

Implica, ainda, o adensamento das noções de comunicação mediada, presentes em Thompson (1998). Mesmo que o autor não se refira à comunicação em rede, sua postura ajuda a pensá-la, pois a comunicação mediada está calcada na captação e na circulação de valores, símbolos e representações. Trata-se de um processo comunicacional entre indivíduos, por meio de um suporte técnico, em uma relação em que não há copresença, caracterizada por níveis diferenciados de simetria, tanto na produção quanto na recepção de formas simbólicas.

A noção de desencaixe, relacionada “ao ‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço” (GIDDENS, 1991, p. 29), também ajuda a compreender o tipo de relação que se delineia nesse espaço midiático, em que o deslocamento e a descontextualização (ou recontextualização) condicionam o tipo de mensagem que será produzida e a própria interação a ser ali estabelecida.

A violência entre fenômeno e representações

A compreensão da violência passa pela discussão de fenômeno social, que se inscreve como uma questão complexa na realidade, advindo de

um contexto sócio-histórico de cotidianidades, que influi na interpretação dos indivíduos sobre a realidade social e se apresenta mesmo como problemática social. De acordo com Porto (2014), a violência adquire estatuto de categoria analítico-explicativa somente recentemente.

A violência urbana, por mais que, às vezes, pareça igual, apresenta-se em contextos específicos nacional e localmente. Escreve Porto (2014, p. 60) que “face às significações culturais das distintas sociedades nas quais se manifesta, caracteriza-se por seu caráter polissêmico, o que implica dizer que não se trata de fenômeno uniforme [...]”. Por isso, compreende-se a diferenciação entre fenômeno e representação (DRAWIN, 2011; PORTO, 2014) como o modo de considerar a complexidade da relação entre os dois, ao mesmo tempo em que se focalizam, nas representações, formas de conhecimento socialmente partilhadas, considerando seu conceito e aspectos centrais da análise. Nessa articulação, portanto, pensa-se a construção das representações sobre o fenômeno da violência partindo da produção de mensagens e representações sobre a chacina em Belém pelos usuários do Twitter.

Em relação a elementos constituintes de um contexto, uma vez que o acontecimento já se encontra esclarecido, cumpre destacar algumas questões de pano de fundo, como a violência policial, que, de acordo com Adorno (2002), é uma das tendências da violência urbana no Brasil, a partir da década de 1980 e 1990, podendo ser identificada até hoje. Essa violência, que redundava em práticas policiais agressivas e mortes, atinge populações de regiões periféricas ou assim identificadas pelo sociólogo como “classes populares”. As mortes decorrentes desse tipo de violência estão assentes em uma ideia de rigorosidade de cumprimento do dever ou mesmo de “fazer justiça”, como também foi detectado pela CPI já citada no caso das ações de milícias na região.

Além disso, há a já institucionalização policial de padrões de suspeitos criminais, baseados em estereótipos do que sejam, por exemplo, jovens da periferia. De acordo com Souza, Cardoso e Brito (2013), por um lado, a Polícia Militar no Pará define como padrões de potenciais suspeitos e mais passíveis de práticas de abordagem, aqueles que tenham as consideradas as marcas da periferia, como cortes de cabelo e uso de determinadas vestimentas. Por outro lado, jovens e adolescentes dos contextos periféricos da cidade de Belém afirmam que sofrem abordagens e ações truculentas por parte da Polícia Militar. Esse tipo de cultura policial, que chega mesmo a constituir violação aos direitos humanos, alimenta-se, em parte, das representações oriundas de uma

veiculação [midiática] constante de imagens dos bairros pesquisados como violentos e perigosos [que] cria no imaginário social, e não apenas no senso comum dos policiais, a noção de que todos devem redobrar os cuidados quando estiverem em suas proximidades, pois qualquer indivíduo daquele lugar é potencialmente criminoso. Construída e veiculada esta visão negativa a respeito dos bairros, tem-se a impressão de que qualquer lugar naquele ambiente oferece mais perigos do que outras regiões da cidade, gerando a pré-noção de que a atuação policial terá que ser necessariamente mais truculenta para não dar sinais de fraqueza (SOUZA; CARDOSO; BRITO, 2013, p. 149).

Nesse sentido, há intersecção entre fenômenos e representações, uma vez que interpretações sobre a violência, seus espaços de ocorrência, seus agentes e pacientes alimentam-se de um processo em que (mesmo com concorrência entre outras representações) as representações midiáticas difundem socialmente a ideia de um crescimento da violência, passando a

buscar por atestá-lo com uma grande quantidade de registros e reiterar que a morte na periferia passa a fazer parte do cotidiano, do comum, porque os indivíduos dessas regiões estejam envolvidos direta ou indiretamente com as ordens do crime e do tráfico. (FERREIRA JUNIOR; MENEZES, 2014, p. 68)

Essas representações (suas significações e implicações), assim, passam a fazer parte de uma complexa rede representacional, em que elas podem ser reafirmadas, tensionadas e ressignificadas. Desse modo, no contexto que envolve fenômeno (chacina e violência policial) e representação (repercussão nas mídias noticiosas e nas mídias sociais digitais), o Twitter pode ser considerado espaço de produção e difusão de representações, sobretudo de representações sociais.

De acordo com Porto (2009), as representações sociais sobre a violência constituem um dos problemas para o qual se deve atentar quando há um quadro definidor da violência, levando-se em conta que serão amalgamados elementos objetivos e subjetivos. Ou seja, sob essa perspectiva, será parcial a abordagem de violência que se ativer aos chamados “dados objetivos”, sem incorporar, além dos fatos e das estatísticas, a subjetividade das representações sociais, orientadoras de conduta (PORTO, 2009, p. 218).

Nessa perspectiva, constatou-se que houve uma “agenda diferenciada dos acontecimentos” entre as representações das mídias noticiosas

ou tradicionais e a das mídias sociais sobre a chacina em Belém. As informações não dispunham de fontes credíveis, assim como os fatos eram relacionados de maneira difusa e sem sentido entre essas mídias e o que os usuários relatavam em seus *tweets*, havendo marcadamente tensionamentos.

Porto (2009, p. 220) aponta também que, “se em paralelo a tais diagnósticos alguma manifestação brutal de violência provoca estados de choque e/ou de comoção popular, reaviva-se o debate entre barbárie e civilização, com reivindicações em termos de solução”. Essas reivindicações podem ser percebidas na *#ChacinaEmBelem* muito mais do que no âmbito das práticas das mídias noticiosas.

***#ChacinaEmBelem* e metodologia de extração de dados do Twitter**

Esta análise é parte dos resultados da terceira etapa do projeto de pesquisa *Mídia e violência*: as narrativas midiáticas da Amazônia paraense⁴. Nessa terceira fase, tomou-se como objeto de discussão a chacina do dia 4 de novembro de 2014, que aconteceu nas periferias da cidade de Belém.

Na realização da coleta de dados, foram tomados como objeto de pesquisa os *tweets* postados com a *#ChacinaEmBelem*, usando uma ferramenta de busca da própria mídia social. É importante destacar que somente a mídia social Twitter oferece gratuitamente o resultado de buscas avançadas. Dada a temporalidade do evento e de suas repercussões, foi definido para a coleta dos *tweets* postados o período que compreende 4 a 6 de novembro de 2014.

Baseando-se nas noções de representações sociais, as representações subjacentes aos *tweets* foram compreendidas constituindo uma “forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, cujas definições construídas interferem nas práticas frente a um dado objeto social” (PORTO, 2014, p. 62). Portanto, essas mensagens difundidas no âmbito dessa mídia social e relativamente ao evento da chacina em Belém são capazes de produzir e fazer circular representações sobre a violência e o evento.

Captura dos *tweets*

Quando se clica no ícone de busca do site e digita-se qualquer palavra no canto esquerdo, observa-se uma coluna com várias categorias do que buscar, dentre elas a categoria “Busca Avançada”, espaço que foi

4 O projeto de pesquisa “Mídia e vViolência: as narrativas midiáticas na Amazônia paraense” foi realizado de 2012 a 2015, em parceria entre a Universidade Federal do Pará e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto foi dividido em três etapas: 1) análise dos jornais impressos paraenses; 2) os programas televisivos de linha editorial policial; e 3) as mídias sociais Facebook e Twitter.

utilizado para a coleta dos dados. Nesse espaço aparecem opções de buscas específicas, tais como Palavras, Pessoas, Locais, Data e outros.

No resultado da pesquisa, aparecem duas opções: os *tweets* na aba “Top”, que são os *tweets* que tiveram mais relevância; e os *tweets* na aba “Todos”, que são todos os *tweets* que foram postados com a *hashtag* ao longo desse período. Escolheu-se coletar os *tweets* da aba “Todos”. A seleção dessa opção se deu em virtude da maior abrangência do que foi comentado a respeito da chacina em Belém.

De acordo com a ferramenta, o último *tweet* com a *hashtag* foi postado às 21h44m do dia 5 de novembro de 2014, ou seja, percebe-se que não houve *tweets* do dia 6 de novembro com a *#ChacinaEmBelem*. Ao longo da coleta, rastreamos os *tweets* apresentados na ordem decrescente, indo do mais recente até o mais antigo, por conta da própria ferramenta do Twitter, que só disponibiliza os *tweets* dessa forma. Dada a quantidade de postagens *tweetadas* com a *#ChacinaEmBelem*, decidiu-se, então, neste primeiro momento, finalizar a análise no último *tweet*, postado às 12h do dia 5 de novembro de 2014.

Nesse sentido, para esta escrita, foram selecionados os 30 *tweets* mais *retwittados*. Foram levadas em consideração as postagens com mais de 10 *retwittes*. Para a análise, foram criadas categorias, conforme o sentido simbólico, o caráter ou a expressão manifestado(a) nos *tweets*, assim definidos: Opinião, Humor, Informação, Ironia, Indignação, Meios, Outros e Medo, conforme a Tabela 2.

TABELA 2
Identificação dos tweets por categoria

Categorias	Total de tweets
Opinião	04
Humor	04
Indignação	08
Informação	05
Ironia	06
Meios (institucionais)	01
Medo	01
Outros	01
Total:	30

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Na categoria “Opinião”, foram selecionados os *tweets* que apresentavam um parecer pessoal sobre a chacina. Nessa categoria observamos quatro *tweets*, e dentre eles está o que teve o maior número de *retweets*, o *tweet* da ex-candidata à presidência da República, Luciana Genro:

@lucianagenro: Esta #ChacinaEmBelem é uma tragédia que mostra a necessidade de desmilitarizar a polícia. Exigimos apuração e punição! Chega de violência! (GENRO, 2014)

O *twitter* de Luciana Genro foi o mais *retwittada*, no período coletado, com mais de 404 *retweets*, dentre as 30 mensagens postadas. A postagem apresenta um repúdio de Genro à violência e advoga uma condição, a desmilitarização da polícia.

Na categoria “Ironia”, foram selecionados *twittes* que apontavam o sentido oposto do que queriam dizer, com a construção de enunciados difusos ou polifônicos. Para Brait (1996, p. 15), a ironia pode ser pensada “como uma estratégia de linguagem que, participando da constituição do discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura a polifonia [...]”; ou seja, pode apresentar aspectos e significados diversos daquilo que está sendo dito ou construído. Nessa categoria foram analisados seis *twittes*. O mais *retwittado* foi o do usuário “Sr. Bocó”:

@pai_vieira: #ChacinaEmBelem, segundo a contagem de corpos do Twitter, toda a população do Pará está morta. (VIEIRA, 2014)

A postagem teve 30 *retwittes*. O usuário ironiza a divergência entre o que a imprensa oficial falava e os boatos que ganhavam as mídias sociais sobre chacina. Na categoria “Humor”, foram selecionados os *tweets* que apresentavam traços de comicidade e que de certa forma, espetacularizavam os acontecimentos da chacina. Mas ao mesmo tempo, essa categoria se intercepta com a da “Ironia”, uma vez, que na postagem, o usuário está questionando o repórter sobre a tranquilidade das ruas em Belém. Nessa categoria houve quatro *tweets* e o segundo mais *retwittado* dentre os 30. O usuário intitulado “Conexão Jamaica” *twittou* a seguinte mensagem – ver Figura 2 – Humor na rede:



Figura 2 – Humor na rede: PrintScreen do *tweet* do usuário @eujamaica “look do dia para hoje #ChacinaEmBelem”
Fonte: JAMAICA, 2014.

O *tweet* do usuário @eujamaica teve 140 *retwittes*. Constatou-se, também, o tom irônico e cômico, ao mesmo tempo, com que o usuário se refere à chacina. A expressão “*look do dia*” é usada para demonstrar a roupa que alguém está usando em determinado momento. Nesse caso, a usuária a usa em tom irônico: o colete à prova de balas que o repórter da TV Liberal, afiliada da Rede Globo, está usando para “tranquilizar” a população de que tudo estaria normal nas ruas da cidade.

A internauta usou o humor para *twittar* sobre a chacina, apresentando personagens do programa Chaves, conforme Figura 3 – Humor e chacina.



Figura 3 – Humor e chacina: PrintScreen do *tweet* do usuário @_waitygor: “Segue imagens de ontem, mataram uma criança numa vila, muito triste #ChacinaEmBelem #impuniade”.
Fonte: SOUZA, 2014.

A postagem teve 21 *retweets* e constatou-se o tom cômico e de humor com que o usuário trabalha um fenômeno social de gravidade, em que dez pessoas foram mortas nos bairros periféricos. A violência ganha características de brincadeira e espetáculo, como bem escreve Sontag (2003, p. 92), ao analisar as fotografias de guerra: “Toda situação tem de se transformar em espetáculo para ser real [...]”.

Na categoria “Indignação”, foram selecionadas as postagens que manifestavam descontentamento com a “onda” de violência na capital paraense. Observou-se, um desabafo dos usuários na rede com relação à segurança pública. “Indignação” foi a categoria que mais teve postagens. Das 30 mensagens selecionadas, 8 expressavam sentimentos de indignação e revolta com a situação. A postagem mais *retwittada* foi a do usuário Wilson Rebelo:

@WilsonRebelo: “Pronto! Belém é sucesso no twitter! #ChacinaEmBelem entre os 3 primeiros nos tt’s! Triste sina paraense: só vira notícia na hora da desgraça.” (REBELO, 2014)

O *tweet* teve 29 *retweets*. O usuário demonstra sua indignação com o fato da #ChacinaEmBelem ter ficado entre os assuntos mais comentados nos *Trend Topics* do Twitter.

Na categoria “Informação” selecionadas postagens que apresentavam notícias de caráter relevante, da perspectiva de entendimento sobre a chacina. As informações *twittadas* foram reproduzidas de matérias já divulgadas nas mídias. Nessa categoria houve cinco *tweets*. O mais *retwittado* foi o do usuário Maurício Santoro:

@msantoro1978: “Nota da Anistia Internacional sobre #ChacinaEmBelem: policiais fecharam bairros onde ocorreram assassinatos”. (SANTORO, 2014).

A postagem teve 41 *retweets*. O usuário apenas compartilha um link do site da Anistia Internacional, onde a entidade publicou uma nota pedindo a investigação imediata da chacina ocorrida em Belém (ANISTIA INTERNACIONAL, 2014).

Na categoria “Meios” (institucionais), foram selecionados *tweets* provenientes de informações oficiais ou dados sobre a chacina. Nessa categoria, houve um único perfil que usou o a *hashtag*: a BBC Brasil:

@bbcbrazil: O programa @BBCtrending quer falar com pessoas que foram avisadas da #ChacinaEmBelem via Whatsapp, por policiais. Você foi uma delas? (BBC BRASIL, 2014).

O *tweet* teve 27 *retweets*. A postagem foi uma resposta ou pergunta aos boatos que se espalharam nas mídias sociais e os supostos áudios de policiais que estavam sendo espalhados pelo WhatsApp, inclusive com a divulgação desse material pelos meios de comunicação, que publicaram nos seus portais de notícias.

Na categoria “Medo”, foram selecionadas postagens em que os usuários manifestaram sentimentos de insegurança, desconforto, intranquilidade e medo. Nessa categoria houve apenas um *tweet*: o da usuária YZE:

@flymodinha: “Com essas coisas no tt’s: #ChacinaEmBelem’ ‘Guamá’ ‘Belém’ Já tá até me dando medo de morar aqui mano”. (MONIZE, 2014).

O *tweet* teve 21 *retweets*. A usuária demonstra seu temor de os fatos das *tags* envolvendo assuntos relacionados à chacina estarem nos *TrendingTopics* do Twitter.

Na categoria “Outros”, foram selecionadas postagens diferenciadas, que não se encaixaram em nenhuma das categorias acima listadas, mas que tiveram relação com a chacina em Belém. Nessa categoria, identificou-se apenas um perfil que usou a *hashtag*: o do usuário “rafucko”:

@rafucko: Relato de Belém #ChacinaEmBelem <https://www.facebook.com/harrison.lopes1/posts/982087128475412?fref=nf> (PUETTER, 2014)

O *tweet* teve 23 *retweets*. O usuário compartilha o relato de um perfil no Facebook, em que um morador da periferia de Belém conta como foi chegar a sua residência à noite, no momento em que estava acontecendo a chacina. Constatou-se que o *post* teve aproximadamente 303 curtidas e 59 compartilhamentos.

Conclusão

Alguns aspectos principais precisam ser considerados no uso do Twitter como mídia informativa e de relação com a sociedade, especificamente no caso da chacina em Belém. Essa mídia tem-se constituído importante espaço de construção de “vozes coletivas” (CARDOZO, 2014). Quando usada estrategicamente, pode possibilitar um engajamento e visibilidade maior dos problemas sociais, ampliando, assim, o poder de interferência da sociedade nas decisões (CASTELLS, 2013).

Constatou-se, assim, que o movimento em torno da #ChacinaEmBelem consistiu em uma mobilização emocional desencadeada pela indignação, mas, ao mesmo tempo, como um espaço sem preocupação com as informações mais relevantes sobre a chacina e a violência. O Twitter foi utilizado como um espaço de desabafo, subsumido com os inúmeros boatos postados, em que a sociedade ficou mais assustada do que esclarecida sobre o que realmente estava acontecendo em Belém. Isso implica, ainda, uma apropriação informal dos fatos, com a opinião se sobrepondo às informações, considerando também a omissão do governo do Estado em fornecer dados sobre as mortes no dia 4 para 5 de novembro de 2014.

Esse evento no Twitter, portanto, permite pensar, como em McLuhan (1997), que os meios não são meramente canais de informação. Fornecem o material para o pensamento, mas também moldam o processo de pensamento. Nesse sentido, tal fenômeno midiático suscita preocupação à medida que uma mídia de alcance realmente global, independentemente de espaço físico, constrói as representações da violência, não fugindo dos estereótipos já bastante combatidos dos cadernos de polícia e dos inúmeros programas de narrativas populares existentes na mídia brasileira.

Violence and its representations on Twitter: the case of #ChacinaEmBelem

Abstract

This article analyzes the production and dissemination of representations of violence by Twitter users, from messages posted with the #ChacinaEmBelem. It is considered that there is a multiplicity of representations of urban violence as a phenomenon and links to other media representations. #ChacinaEmBelem is a constituent element of the representations, around which interactions take place and leave room for competition and tension between symbolic messages around the event. There is an emotional mobilization characterized by omitting the most relevant information about the killing and violence and the informal appropriation of facts with opinions overlaying the information.

Key-words: *Violence. Representations. Twitter, #ChacinaEmBelem.*

Referências

#CHACINAEMBELEM on Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/hashtag/chacinaembelem>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 84-135, jul./dez. 2002.

ANISTIA INTERNACIONAL. *Nota pública*: Anistia Internacional pede investigação imediata da chacina que ocorreu ontem, 04/11, em Belém (PA). 2014. Disponível em: <<https://anistia.org.br/noticias/nota-publica-anistia-internacional-pede-investigacao-imediata-da-chacina-que-ocorreu-ontem-0411-em-belem-pa/>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

ÁUDIOS acusam que a ordem é para “limpar as ruas”. *DOL*: diário online, Pará, 5 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticias/policia/noticia-308100-.html>> Acesso em: 30 jun. 2015.

BBC BRASIL. O programa @BBCTrending quer falar com pessoas que foram avisadas da #ChacinaEmBelem via Whatsapp, por policiais. Você foi uma delas? Disponível em: <<https://twitter.com/bbcbrasil/status/530041325597786112>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

BELCHIOR, Douglas. Após morte de policial, madrugada de chacina em Belém do Pará. Disponível em: <<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/policiais-visam-e-cumprem-chacinamento-em-belem-do-para/>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

CARDOZO, Missila Lourdes. Twitter: microblog e rede social. *Caderno.Com*, São Caetano do Sul, v. 4, n. 2, p. 24-38, 2009.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CEBRIÁN, Juan Luis. *A rede*: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1999.

DRAWIN, Carlos Roberto. O paradoxo antropológico da violência. In: ROSÁRIO, Ângela Buciano; KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira (Org.). *Faces da violência na contemporaneidade*: sociedade e clínica. Barbacena: EdUEMG, 2011. p. 12-32.

FERREIRA JUNIOR, Sergio; MENEZES, Alana. Individualização do acontecimento e mortes violentas: as narrativas policiais da mídia impressa paraense. *Temática*, João Pessoa, n. 11, p. 55-70, nov. 2014.

FURTADO, Victor. Chacina após morte de policial leva pânico aos moradores de Belém (PA). *O Globo*, 5 nov. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/chacina-apos-morte-de-policial-leva-panico-aos-moradores-de-belem-pa-14469777>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

GENRO, Luciana. “Esta #ChacinaEmBelem é uma tragédia que mostra a necessidade de desmilitarizar a polícia. Exigimos apuração e punição! Chega de violência!” 2014. Disponível em: <<https://twitter.com/lucianagenro/status/530031541653897216>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

JAMAICA, Conexão (@eujamaica): “Look do dia para hoje #ChacinaEmBelem”. 5 nov. 2014, 14:10. Tweet. Disponível em: <<https://twitter.com/eujamaica/status/530029475762024451>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

LOUREIRO, João de Jesus dos Santos; FERREIRA JUNIOR, Sérgio do Espírito Santo; COSTA Alda Cristina. Polícia, mocinhos e vilões: informalidade no Twitter: #ChacinaEmBelém. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38, 2015, Rio de Janeiro, RJ. *Anais...*, Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1190-1.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977.

MCLUHAN, Marshall. *O meio é a mensagem*. Rio de Janeiro: Imã, 2011a.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2011b.

MONIZE (@flymodinha): “Com essas coisas no tt’s: #ChacinaEmBelem’Guamá’Belém’Já tá até me dando medo de morar aqui mano”. 5 nov. 2014, 13:01. Tweet. Disponível em: <<https://twitter.com/flymodinha/status/530011944439525376>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

PARÁ. Assembleia Legislativa Estado do Pará. *Comissão Parlamentar de Inquérito para apuração da atuação de grupos de extermínio e milícias no Estado do Pará: relatório final*. Belém: Assembleia Legislativa do Estado do Pará, 2015. Disponível em: <<http://www.movimentodeemaus.org/data/material/RELATORIO-FINAL-CPI-das-Milicias-versao-de-entrega-na-grafica3.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2015.

PINTO, Lúcio Flávio. Chacina: silêncio de oito meses. *Jornal Pessoal*, 5 jul. 2015. Disponível em: <<https://lucioflaviopinto.wordpress.com/2015/07/05/1610/>> Acesso em: 6 jul. 2015.

PORTO, Maria Stela Grossi. Mídia, segurança pública e representações sociais. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 211-233, jan. 2009.

PORTO, Maria Stela. Violência e representações sociais. In: LIMA, Renato Sérgio de; RATTON, José Luiz; AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli de (Org.). *Crime, polícia e justiça no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 60-70.

PUETTER, Rafael. (@rafucko): Relato de Belém #ChacinaEmBelem. 5 nov. 2014, 14:18. Tweet. Disponível em: <<https://twitter.com/rafucko/status/530031352595632128>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

REBELO, Wilson (@WilsonRebelo): “Pronto! Belém é sucesso no Twitter! #ChacinaEmBelem entre os 3 primeiros nos tt’s! Triste sina paraense: só vira notícia na hora da desgraça.” 5 nov. 2014, 12:47. Tweet. Disponível em: <<https://twitter.com/WilsonRebelo/status/530008558818320385>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no Twitter. *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 81-94, dez. 2009.

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTORO, Maurício (@msantoro1978). “Nota da Anistia Internacional sobre #ChacinaEmBelem: policiais fecharam bairros onde ocorreram assassinatos”. 5 nov. 2014, 17:07. Tweet. Disponível em: <<https://twitter.com/msantoro1978/status/530074057958776832>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

SEIXAS, Fábio. Micro-blogging. In: SPYER, Juliano (Org.). Para entender a internet: noções, práticas e desafios da comunicação em rede. [S.l.]: NãoZero, 2009. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/oerworkshop/files/1333/7925/Para+entender+a+Internet.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2015.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Jaime Luiz; CARDOSO, Luiz Fernando; BRITO, Daniel Chaves. Imagens borradas: jovens da periferia de Belém e seus encontros com a polícia. In: BRITO, Daniel Chaves; SOUZA, Jaime Luiz (Org.). *Na periferia do policiamento: direitos humanos, violência e práticas policiais*. Belém: Paka-Tatu, 2013. p. 139-164.

SOUZA, Ygor (@_waitygor): “Segue imagens de ontem, mataram uma criança em uma vila, muito triste #ChacinaEmBelem #impunidade”. 5 nov. 2014, 13:44. Tweet. Disponível em: < https://twitter.com/_waitygor/status/530022737520381952 >. Acesso em: 30 jun. 2015.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

Enviado em 29 de setembro de 2015.

Aceito em 25 de abril de 2016.